

Eva Aparecida de Oliveira

Giambattista Basile e o Conto Maravilhoso

Araraquara
Setembro/2007

Ainda que esta ciência contenha na verdade vários preceitos corretos e excelentes, tem muitos outros, mesclados com os anteriores, tão injuriosos ou supérfluos que resulta tão difícil separar o certo do falso como extrair uma Diana ou uma Minerva de um tosco bloco de mármore. (Descartes)

Existiria um “Grimm italiano”? (Italo Calvino)

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva à sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (Italo Calvino)

Àquele a Quem devo meu espírito.
E àqueles a quem devo minha vida,
meus pais amados, Geraldo e Rita.

INTRODUÇÃO

Giambattista Basile (1575?-1632) foi um escritor napolitano que, embora pouco conhecido, escreveu “il primo catalogo di trame e motivi fiabeschi dell’età moderna” (De Luca, 1996, p.119). Trata-se de *Cunto de li cunti, overo lo trattenimmo de peccerille*, obra composta por uma coletânea de cinquenta contos maravilhosos escritos em dialeto napolitano e publicados postumamente entre 1634 e 1636.

Cunto de li cunti tem o mérito de ser precursor das coletâneas de contos maravilhosos, mas não teve o reconhecimento que seu sucessor imediato, Charles Perrault (1628-1703), alcançou com a obra *Contes de ma mère l’Oye* (1697). Devido à imensa penetração junto ao público (e ao desconhecimento que ronda a obra de Basile até os dias de hoje), a antologia de Perrault tem sido considerada a primeira coletânea de contos maravilhosos.

As narrativas que compõem a obra de Basile são, pela definição de André Jolles na sua obra *Formas Simples*, do mesmo gênero de narrativas catalogadas pelos irmãos Grimm no início do século XIX, ou seja, pertencem à forma simples “conto de fadas” (*Märchen*). Os alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) publicaram a coletânea mais famosa de contos maravilhosos, *Kinder- und Hausmärchen* (1812/1815), para muitos conhecida simplesmente com o título de *Contos de Grimm*.

A tradição de reunir narrativas foi herdada por Basile do *Decameron*, obra escrita entre 1348 e 1353 por outro italiano, Giovanni Boccaccio (1313-1375). *Decameron* compõe-se de cem narrativas enfeitadas por uma narrativa-moldura, sendo esses textos incluídos no gênero da Novela Toscana. Assim como a obra de Boccaccio, *Cunto de li cunti* possui uma narrativa moldura que entrelaça suas cinquenta narrativas, número esse que legou o cognome *Pentamerone* à obra de Basile (em alusão às cem narrativas do *Decameron*).

passou a ser vigiado por um rígido sistema de censura eclesiástica (Salinari & Ricci, 1975, p. 3-6; Saraiva & Lopes, s/d, 165-182).

Nesse conturbado período de disputas religiosas, a Espanha destacou-se como uma força política e econômica de dimensões continentais. No início do século XVII, a Coroa espanhola tinha sob seu domínio não só suas próprias colônias no Novo Mundo, como também o Reino de Portugal e respectivas colônias na América, África e Ásia, além de diversos territórios na Itália – Sicília, Sardenha, o Estado dos Presídios (região hoje pertencente à Toscana), o reino de Nápoles e o ducado de Milão (*L'Italia Spagnola 1523-1600* - disponível em html). É importante ressaltarmos esse poderio da Espanha na Itália, pois é ele que tinge o contexto sócio-político vivido por Basile em Nápoles.

1.2 - O Barroco

Costuma-se chamar de Barroco o período que se estende dos fins do século XVI ao início do século XVIII. Os historiadores da literatura divergem entre si quanto ao período de duração e suas subdivisões estéticas (maneirismo, barroquismo, rococó), mas existe uma concordância de que Barroco é a expressão artística do século XVII, um estilo de vida, de arte e de pensamento (Proença Filho, 2002).

De forma geral, o período Barroco caracteriza-se pelas transformações ocorridas na vida cultural européia a partir do recrudescimento da Inquisição e do movimento de Contra-Reforma. A Inquisição, nos lugares em que foi instaurada (devendo-se mencionar Itália, Espanha e Portugal), cerceou a criatividade e liberdade de pensamento, pois guiava-se pela idéia de que a heresia era uma praga a ser combatida para o bem do pensamento cristão, proibindo assim qualquer forma de pensamento que divergisse dos dogmas estabelecidos pela Igreja. Por outro

vista a melhoria das condições de vida dos habitantes: construíram o sistema hídrico e de esgoto, pavimentaram ruas e erigiram muros ao redor da cidade para sua fortificação e defesa.

Entretanto, a má administração dos espaços imobiliários logo gerou problemas. Tanto a Igreja quanto nobres nativos ou vindos de outras regiões começaram a erigir construções de forma desordenada dentro e depois também fora dos muros da cidade provocando caos urbano. E a partir da segunda metade do século XVI tiveram início insurreições contra o domínio espanhol, embora tímidas e com resultados fracos (*Movimento Culturale Napoletano*, disponível em [html](#)).

Para que as revoltas não surtissem efeito nem ganhassem mais adeptos, os espanhóis procuravam dividir o povo e os nobres colocando cidades contra cidades, famílias contra famílias, inflamando rivalidades entre a antiga e a nova nobreza. Além disso, os conquistadores davam oportunidade à avidez do clero e o protegiam contra a autoridade feroz de Roma, que era contra o mercado que lucrava com os seminários, as grandes abadias, os ricos conventos e igrejas que possuíam até propriedades fundiárias.

As forças militares napolitanas, contudo, eram imponentes, totalizando mais de vinte mil homens italianos, fora o contingente espanhol. No entanto, essas tropas não tinham a missão de proteger Nápoles, mas estavam a serviço da Espanha em Praga, Nordlingen, Rocroy, etc. defendendo ou expandindo o domínio espanhol. Para manter tantos homens sob a divisa do exército, a Coroa cobrava impostos altos do povo napolitano.

Embora divididos pelas artimanhas espanholas, os napolitanos empreenderam uma grande revolta em 1585 por causa do preço do pão. O trigo da província foi requisitado por Felipe II para a Espanha, e o vice-rei, querendo fazer boa figura, mandou à capital espanhola grande quantidade de grãos. Os grãos fizeram falta para suprir a demanda interna e o preço do pão, base da alimentação popular, subiu em demasia. Reunidos nas praças públicas e bastante

necessário), apresenta versatilidade na composição de sua estrutura; e explora um leque maior de possibilidades de significação. (Volobuef, 1993, p. 104-105).

Diversas dessas características podem ser observadas no conto “Gagliuso”. Ao invés do “Em um reino muito longínquo...”, Basile situa seu conto em Nápoles, além de incluir diversos aspectos típicos da cultura local e época específica, como a menção a bairros da cidade (Mandracchio, Melito), moeda corrente (*maglia*), etc. Fora isso, o desenrolar da história traz elementos que extrapolam em muito o “estritamente necessário”, pois dramatiza tanto a morte do pai de Gagliuso como o banquete que o rei oferece a ele.

Histórico do maravilhoso

O conto maravilhoso possui origens que remontam à oralidade, sendo impossível precisar sua procedência. Surge da necessidade intrínseca ao ser humano de narrar fatos a seus semelhantes.

Muito embora o conto de fadas seja hoje considerado uma forma de literatura infantil, no passado ele foi, fundamentalmente, um entretenimento para adultos. As histórias eram narradas à noite junto ao fogo nas cabanas dos camponeses ou durante trabalhos manuais realizados em grupo, tais como fiação, conserto de ferramentas, etc. (Volobuef, 1993, p. 100)

No âmbito da tradição escrita, alguns teóricos afirmam que o conto maravilhoso, como forma, pode ser encontrado na *Bíblia*, na *Odisséia* ou nas *Metamorfoses* de Ovídio. Massaud Moisés diz que “São, na verdade, embriões do conto, ou contos por acaso, mas traduzem o surgimento de um específico modo de narrar.” (Moisés, 1973, p. 121). Ainda segundo este mesmo teórico, o gênero possui manifestações semelhantes em inglês, francês, italiano, alemão e espanhol, sendo marcante a separação entre conto literário (manifestação artística) e conto tradicional (manifestação popular).

As características que distinguem o conto tradicional advêm, entretanto, da tradição árabe. É das *Mil e uma noites*, obra surgida no século X, que provém a forma curta de narrativa. No

próximos cem anos o gênero se popularizou ganhando coletâneas em muitos países da Europa (Jolles, 1976; Coelho, 1987, 1991; Calvino, 2005, p. 9-10).

Em 1812/1815 os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) publicam os dois volumes da mais famosa coletânea de contos. *Kinder- und Hausmärchen* trouxe o contorno definitivo para os contos maravilhosos e encerrou a evolução do gênero sob a ótica de André Jolles. Para este crítico, a antologia dos Grimm definiu um parâmetro de comparação a partir do qual se abstrai a própria definição do gênero: “o Conto é uma narrativa da mesma espécie das que os irmãos Grimm reuniram em seus *Kinder- und Hausmärchen*.” (Jolles, 1976, p. 182). Ou seja, se quisermos avaliar se uma narrativa é um conto de fadas ou conto maravilhoso, basta averiguar se é do mesmo tipo dos textos dos Grimm. O empenho dos Irmãos em prol da coleta de narrativas populares (contos maravilhosos, lendas, lendas ou biografias de santos, etc.) serviu não apenas de incentivo para a divulgação de sua própria antologia, mas instigou estudiosos e interessados do mundo inteiro para que também coletassem material folclórico em seus respectivos países.

E, desde a época dos Grimm, o conto maravilhoso foi ganhando um espaço cada vez maior. De um lado, surgiram antologias de contos maravilhosos nos mais variados países, inclusive no Brasil (reunidos por Silvio Romero, Lindolfo Gomes, Câmara Cascudo, etc.). De outro, a literatura foi presenciando grande número de escritores que, deixando-se inspirar por esses contos de origem popular, foram criando narrativas novas - podendo-se mencionar Hans Christian Andersen (“O patinho feio”), George MacDonald (*A princesa e o goblin*), Condessa de Ségur (*Novos contos de fadas*), Oscar Wilde (“O príncipe feliz”), Rudyard Kipling (*O livro da selva*), etc.

Decerto os Irmãos Grimm deram um impulso decisivo para a história dos contos maravilhosos. Na gênese dessa história, porém, está Basile – e por isso sua contribuição mereceria um maior conhecimento e uma melhor divulgação de *Cunto de li cunti*.

tratar da intermediação e assim conseguiu para esse último o parentesco real. Veio Gagliuso e o rei confiou-lhe a filhinha e um grande dote. Depois de um mês inteiro de festejos, Gagliuso disse que queria conduzir a esposa a suas terras, após o que foi acompanhado pelo rei até as fronteiras, e partiu para a Lombardia, onde, por conselho do gato, comprou propriedades e terras, e tornou-se barão.

Ao ver-se agora riquíssimo, Gagliuso manifestou tamanha gratidão ao gato como não poderia haver maior. Disse-lhe que aos seus bons serviços devia sua vida e sua grandeza, e que a arte de um gato lhe havia trazido bem mais vantagens do que a engenhosidade do pai. Por tudo isso o gato poderia fazer e desfazer a seu bel-prazer e dispor como quisesse de seus bens e de sua vida; e lhe deu a palavra de que, quando morresse – fosse quando fosse nos próximos cem anos! –, mandaria embalsamá-lo, guardando-o dentro de uma gaiola de ouro no seu próprio quarto.

Nem bem haviam passado três dias desde aquele espetáculo e o gato fingiu-se de morto, estendendo-se de comprido pelo chão para ser logo encontrado. Viu-o a esposa de Gagliuso e gritou: “Oh, esposo meu, que grande desventura! O gato morreu!”

“Que ele leve consigo todos males!” – respondeu Gagliuso – “Antes ele do que nós!”

“O que faremos dele?” replicou a esposa.

E aquele: “Pegá-lo pela pata e jogá-lo pela janela!”

O gato ouviu assim o quanto receberia de recompensa, ao contrário do que jamais teria imaginado, e saltou sobre as quatro patas dizendo: “Este é o grande favor pelos piolhos que de ti retirei? Estes são os “mil obrigados” pelos farrapos que te recolhi das costas, nos quais bem se podiam pendurar fusos? Esta é a restituição por haver-te encastelado como aranha, e te haver saciado, mendigo miserável? Tu que eras rasgado, arrebatado, esfarrapado, maltrapilho e piolhento! Assim acontece àqueles que ajudam a quem não merece! Vá, que te seja maldito tudo quanto te fiz, que não mereces que sejas escarrado! Bela gaiola de ouro que me havias preparado! Bela sepultura haverias de destinar-me! Eu o servi, sofri, trabalhei, suei – e eis o belo prêmio! Ó mísero daquele que coloca na panela a esperança de outros! Disse bem aquele filósofo: quem

Penta assim fez, e a coisa saiu exatamente como o mago havia dito. E aí a felicidade foi grandíssima, e se alegraram todos, e particularmente o marido, que estimou mais ainda esta bela fortuna que o novo reino que lhe foi doado pelo mago. Depois de transcorridos alguns dias de magníficas festas, o rei de Pietrasecca voltou ao seu reino, e o de Terraverde, enviou o cunhado ao seu irmão mais novo para que, em seu nome, transferisse-lhe o comando do estado, enquanto ele próprio permaneceu com o mago, compensando com rios de deleite os pingos de padecimento que havia sofrido, e rendendo testemunho ao mundo que:

Não pode o doce haver querido

Quem provado não tiver, primeiro, o amargo.

Oitavo entretenimento

Ninnillo e Nennella

Iannuccio tem dois filhos da primeira mulber os quais, tendo ele novamente se casado, são odiados pela madrasta, sendo obrigado a deixá-los em um bosque. Perdidos e separados um do outro, Ninnillo torna-se cortesão e ganha a afeição de um príncipe; e Nennella, naufragando, é engolida por um peixe encantado, mas, sendo arremessada depois em um recife, é reconhecida pelo irmão e, por intermédio do príncipe, ricamente desposada.

Terminada a carreira Ciulla, o páreo Paola prepara-se para correr e, depois de ter expurgado a voz com um belo pigarro e limpado o nariz com um lencinho novo de linho, ela assim deu início:

Miserável aquele homem que, tendo filhos, espera dar-lhes governo presenteando-os com uma madrasta, porque esta traz para casa a máquina da sua ruína, não tendo jamais havido madrasta que olhasse com bons olhos a prole de outrem; e se por desgraça alguma tiver sido encontrada, pode-se meter o graveto no buraco e dizer que ela era um corvo branco. Eu, entre tantas que ouvi mencionar, falar-vos-ei de uma que pode ser colocada no catálogo das madrastas sem consciência, e vós a estimareis digna do castigo que ela comprou em moeda corrente.

Era uma vez um pai chamado Iannuccio que tinha dois filhos, Ninnillo e Nennella, aos quais queria bem como às suas pupilas. Mas, tendo a morte com a surda lima rompido os ferros do cárcere da alma da esposa, ele se prendeu a uma bruxa má, que era um tubarão maldito e, logo que tinha posto os pés na casa do marido, começou a ser cavalo que quer estar sozinho em um estábulo e a dizer: “Por acaso vim para cá catar piolhos aos filhos de uma outra? Só me faltava pegar tais estorvos e ficar com esses dois aborrecimentos ao meu redor. Oh, que me quebrasse o

exclamando: “Que bela coisa é esta? De onde são ressurgidos estes ranhentos fastidiosos? É possível que não exista dinheiro vivo que valha para desgrudá-los desta casa? É possível que tu queiras tê-los a minha volta apenas por raiva de meu coração? Vá, leve-os agora mesmo para longe dos meus olhos, pois não quero esperar música de galo e lamento de galinha. Se não, podes ranger os dentes que eu nunca mais dormirei contigo; e amanhã cedo corro-me para a casa de meus parentes, porque tu não me mereces! Não trouxe para tua casa tão belos móveis para vê-los emporcalhados pelo fedor dos traseiros alheios; nem te dei tão bom dote para ver-me escrava de filhos, que não são meus.”

O desventurado Iannuccio, que viu a barca mal encaminhada e a coisa ficar muito quente, tomou imediatamente das crianças, regressou ao bosque, deu-lhes um outro cestinho com víveres, e disse: “Vós vistes, filhos meus, quanto vos tem aversão aquela cadela da minha mulher, vinda a minha casa para vossa ruína e para ser prego deste coração. Por isso ficai neste bosque, onde as árvores, mais piedosas que ela, irão prover-vos de teto contra o sol; onde o rio, mais caridoso, dar-vos-á bebida sem veneno; e a terra, mais cortês, oferecer-vos-á camas de ervas sem perigos. E, quando vos faltar de comer, vedes a viela de farelo que eu vos fiz, direitinha, e vós podereis vir pedir socorro.” Assim dito, voltou a face para outra parte para que não o vissem a chorar e isso não tirasse o ânimo aos pobres pequeninos.

Quando tinham consumido o conteúdo do cestinho, as duas crianças quiseram voltar para casa; mas um asno, filho da má ventura, lambeu o farelo espalhado pela terra, e eles perderam a trilha, tanto que andaram por um par de dias errando pelo bosque, alimentando-se de bolotas e castanhas que recolhiam do chão. Mas, como o Céu sempre estende a sua mão sobre inocentes, veio caçar naquele bosque um príncipe; e Ninnillo, ouvindo o latir dos cães, teve tanto medo que jogou-se no buraco de uma árvore, e Nennella debandou com tal rapidez que logo chegou a uma praia. Aqui estavam desembarcados uns corsários para juntar lenha, e o chefe deles levou-a para casa, onde a esposa, que recentemente perdera uma filha, acolheu-a em lugar daquela que morreu.

Ninnillo, no entanto, agachado naquela casca de árvore, foi rodeado pelos cães, que faziam latidos de atordoar; até que o príncipe quis ver o que havia ali, e, encontrando aquele belo menino, que era tão pequeno que não soube dizer como se chamavam o pai e a mãe, ajustou-o sobre o cavalo de um caçador e o levou consigo. E com grande cuidado fez alimentá-lo no seu palácio e ensinar-lhe as virtudes, e, entre outras, a arte de destrichar carnes, que ele dominou tão bem que, não passaram três ou quatro anos, e ele as repartia em fios.

Neste tempo, tendo-se descoberto que o corsário, junto a quem se encontrava Nennella, era ladrão de mar, quiseram metê-lo na prisão; mas ele, que tinha como amigos os escrivães e os tinha como empregados, fugiu com todos os seus. E talvez tenha sido a justiça do Céu o fato de que, tendo ele praticado as suas trapaças no mar, no mar pagasse a pena por elas, pois, como haviam tomado uma barca delicada, no meio do mar enfrentaram tal rajada de vento e fúria de ondas que o barquinho emborcou e todos se afogaram. Apenas Nennella, que, ao contrário da mulher e dos filhos do corsário, não tinha culpa naqueles latrocínios, salvou-se do perigo; e no momento que os outros caíam na água, achava-se perto da barca um peixe encantado, o qual, abrindo um abismo de garganta, engoliu-a.

E, quando a jovenzinha cria haver terminado os seus dias, naquele mesmo momento contemplou coisas de maravilhar-se no ventre do peixe. Existiam ali campos belíssimos, jardins magníficos, e uma casa senhoril com todo o conforto, onde Nennella foi tratada como princesa.

Ora, aconteceu que o peixe carregou-a para um recife e, como fazia o maior mormaço de verão e tudo estava como a mais ardente fornalha, o príncipe tinha vindo refrescar-se justamente ali. E, enquanto se preparava um grande banquete, Ninnillo encontrava-se em uma varanda do palácio, voltada para aquele recife, a afiar algumas facas, pois sua habilidade dava-lhe muito deleite e ele gostava de exibi-la para receber honrarias.

Nennella, do fundo da goela aberta do peixe, viu-o e reconheceu-o, e imediatamente fez ouvir uma voz de lamento:

Irmão, meu irmão!
 Afiado já está o facão,
 Já a mesa está preparada,
 E grande alegria a todos é dada:
 Só a mim a vida entristece,
 Sem ti, aqui na garganta do peixe!

Na primeira vez em que soaram, Ninnillo não deu atenção a estas palavras; mas o príncipe, que estava em uma outra varanda, viu o peixe e ouviu a repetição daquelas mesmas palavras, e foi invadido de admiração. Mandou, pois, serviçais em socorro para ver se de alguma maneira pudessem enganar o peixe e tirá-lo para terra. Mas, uma vez que ao longo de todo o tempo sempre era repetido aquele “Irmão, meu irmão”, o príncipe perguntou um por um a todos se alguém havia perdido uma irmã. Respondeu Ninnillo, que naquele momento ia se recordando da coisa como um sonho: que quando se achava no bosque, tinha consigo uma irmã, da qual não tinha sabido mais nada.

O príncipe disse-lhe para aproximar-se do peixe e ver o que havia ali, pois talvez aquela ventura tocasse a ele. E, ao avizinhar-se, o peixe pousou a cabeça sobre o recife, e, escancarando seis canas⁴⁴ de goela, deixou sair Nennella, que emergiu como as Ninfas nos *intermezzos*⁴⁵, quando o encanto de um mago as faz saírem de um animal.

Ao príncipe, que a interrogava, Nennella fez um esboço de seus padecimentos e do ódio da madrasta; mas nem ela nem o irmão conseguiram recordar-se do nome do pai nem do lugar onde ficava a casa deles. Sendo assim, foi anunciado um decreto conclamando que, quem tivesse perdido em um bosque dois filhos, Ninnillo e Nennella, fosse ao palácio e teria boa nova.

Iannuccio, que estava sempre triste e desconsolado, porque acreditava que os filhos tivessem sido devorados pelos lobos, correu cheio de júbilo ao príncipe a dizer-lhe que ele

⁴⁴ Cana é uma medida de comprimento que equívale a aproximadamente dois metros (N.T.).

próprio havia perdido os jovenzinhos. E, após Iannuccio contar a história de como tinha sido forçado a levá-los ao bosque, o príncipe ministrou-lhe uma grande repreensão, chamando-o bobão ignorante, que colocara os pés no colo de uma mulher, reduzindo-se a mandar à aventura duas jóiazinhas, como eram os seus filhos. Mas, depois que lhe quebrara a cabeça com estas palavras, pôs o emplastro da consolação, mostrando-lhe os filhos que Iannuccio não se saciou de abraçar e beijar por mais de meia hora, e o príncipe mandou que levassem das costas dele o grosseiro capote e fê-lo vestir-se como gentil-homem. Chamou depois a esposa de Iannuccio e lhe apontou aquelas duas folhas de ouro, perguntando-lhe: “Que coisa mereceria quem lhes fizesse mal e os pusesse em risco de morte?” Ela respondeu: “Para mim, metê-lo-ia fechado em um barril e rolá-lo-ia do alto de uma montanha.” “Eis que terás aquilo que pedes; a cabra voltou os chifres contra si mesma. Uma vez que escreveste a sentença, tu a pagarás, pois que nutriste tanto ódio por estes teus belos enteados.” E deu ordem que se executasse a sentença que ela mesma havia pronunciado.

Logo encontrou um rico gentil-homem, seu vassalo, e deu-o por esposo a Nennella, e a filha de um outro senhor semelhante a este, e deu-a por esposa ao irmão. Também deu a um e à outra renda suficiente para viverem, eles e o pai, sem dependerem de ninguém no mundo. A madrasta, no entanto, encerrada num barril, encerrou a própria vida, gritando sempre pelo buraco enquanto lhe restavam forças:

Tarda o castigo, mas não te fies!

Um dia ele vem e tudo faz pagar!

⁴⁵ Peça dramática ou musical que era representada ou tocada nos intervalos de teatros e óperas (N.T.).

CONCLUSÃO

Cunto de li cunti de Giambattista Basile é uma obra que foi escrita no século XVII e que foi pouco estudada, principalmente no Brasil. Essa circunstância foi a mola propulsora que nos levou a empreender a presente pesquisa.

Tendo em vista os estudos realizados - em especial as análises feitas na narrativa “Gagliuso” sob o ponto de vista do conto maravilhoso e da novela -, pudemos chegar à conclusão de que as histórias que compõem a obra de Basile fazem realmente parte do conjunto de narrativas denominadas aqui de contos maravilhosos.

Através do paralelo que traçamos entre as obras de Boccaccio e Basile com a ajuda das obras críticas, ficou claro que se trata de duas obras com características e objetivos estéticos distintos. As narrativas que compõem o *Decameron* de Giovanni Boccaccio pertencem ao gênero da novela, gênero esse que, conforme já apontado em capítulo anterior, teve grande propagação a partir do século XIV, quando foi publicada a obra de Boccaccio e que encontrou diversos seguidores, inclusive Francesco Straparolla, em cujo livro *Piacevoli Notti*, no entanto, o maravilhoso já seja um ingrediente importante. Mesmo que a narrativa moldura ainda permaneça em Basile, os cinquenta contos do autor napolitano apresentam as mesmas características das narrativas que compõem o famoso *Kinder- und Hausmärchen* dos Irmãos Grimm, de forma que *Cunto de li cunti* pode ser definido pelos mesmos critérios que Jolles usou para definir os contos dos Grimm, uma espécie de narrativa que:

Não se empenha mais em narrar um incidente impressionante, pois salta de incidente em incidente para descrever todo um acontecimento que não se encerra em si mesmo de maneira determinada, o que só ocorre no remate final ou desfecho da narrativa; em segundo lugar, tampouco se empenha mais em representar tal

acontecimento de modo a dar-nos a impressão de um acontecimento real, preferindo trabalhar constantemente no plano maravilhoso. (Jolles, 1976, p. 192)

Apesar de Straparolla representar uma espécie de “pré-estréia”, o surgimento dos contos de Basile marca efetivamente a chegada em cena dos contos maravilhosos reunidos em antologia impressa. Além de trazer para dentro das páginas de livro as narrativas da tradição popular oral, Basile destaca-se pelo caráter artístico de seus contos.

Portanto, podemos afirmar que *Cunto de li cunti* apresenta-se como uma obra de interesse para os estudos de Teoria da Literatura com seus motivos populares elaborados na perspectiva artística correspondente ao movimento Barroco, tornando-a uma obra ímpar para o gênero, inclusive no âmbito da literatura Barroca, como afirmam Benedetto Croce e Carmine de Lucca em suas obras críticas sobre Basile.

Para os estudos de Literatura Italiana no Brasil, o autor abre perspectivas de interesse sobre a literatura dialetal, em especial a napolitana. Levando-se em consideração que a Literatura Italiana do século XVII não tenha sido agraciada por grandes produções poéticas e tenha sofrido sérios abalos devido à decadência econômica, pelo domínio político exercido pela Espanha e pela limitação imposta pelo duo Contra-Reforma/Inquisição, não podemos dizer que se tratou de um século improdutivo, pois apesar de tudo a vida cultural apresentou-se original e vivaz (Salinari & Ricci, 1975, p. 601). E a obra de Basile certamente é uma prova disso.

Na própria Itália, *Cunto de li cunti* permanecia obscurecido pelo entrave lingüístico, já que o dialeto napolitano abrange apenas a própria Nápoles e seus arredores. Esse problema foi solucionado através do empenho de Benedetto Croce em divulgar a obra no seu país traduzindo-a para o italiano *standard*. Foi através desse autor que conhecemos Basile e em seu trabalho de divulgação é que inspiramos a presente dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Francis Henrik. *As (In)fideliades da tradução: Servidões e autonomia do tradutor*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

BASILE, Giambattista. *Il Pentamerone ossia La fiaba delle fiabe tradotta dall'antico dialetto napoletano e annotata da Benedetto Croce*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1925. 2 v.

_____. *L'Unità - Il Pentamerone*. Seleção e tradução de Carmine De Luca. Roma: L'Arca società editrice de l'Unità spa, 1996.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BOSI, Alfredo. Ecos do Barroco. In: _____. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALVINO, Italo. *Fiabe italiane*. Milano: Oscar Mondadori, 1993. 2 v.

_____. Introdução. In: _____. *Fábulas Italianas*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 9-37.

_____. Rapidez. In: _____. *Seis propostas para o próximo milênio - Lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 43-67.

CANEPA, Nancy L. Basile e il carnivalesco. In: PICONE & MESSERLI, Alfred. (Org.) *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 2004. p. 41-60.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura universal*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1959. 8 vol.

CARPUCCIO, Carmelo. *Storia della letteratura italiana*. Firenze: Civelli, 1949.

CHERCHI, Paolo. La Coppella. In: PICONE & MESSERLI, Alfred. (Org.) *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 2004. p. 123-133.

CIVITA, Vitor (Ed.). *Galileu*. São Paulo: Abril Cultural, 1971 (Grandes Personagens da História Universal, 33).

_____. (Ed). Vida e Obra de Boccaccio. In: BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 3.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios, 103).

_____. *Panorama histórico da literatura infantil juvenil: Das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

CROCE, Benedetto. Giambattista Basile e l'elaborazione artistica delle fiabe popolari, In: BASILE, Giambattista *Il pentamerone ossia la fiaba delle fiabe*, Bari: Gius. Laterza & Figli, 1925, 2 vol. p. IX-XXXII.

DISTANTE, Carmelo & COELHO, Flora Simonetti. *Il percorso storico della letteratura italiana*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2003.

FRANCILLON, Roger. Quelques réflexions sur la narrativa chez Basile e chez Perrault. In: PICONE, Michelangelo & MESSERLI, Alfred (Org.). *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore snc, 2002, p. 95-102.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. *Revista da USP*, São Paulo, v. 53, p. 166-182, 2002.

FRIGESI, Delia (Org.). *Inquieta sulle fate - Italo Calvino e la Fiaba*. Bergamo: Pierluigi Lubrina, 1988.

GARDNER, Edmund G. *História breve da literatura italiana*. Lisboa, Inquérito, 1941.

GETTO, Giovanni. La civiltà letteraria barocca in Italia. In: SALINARI, Carlo & RICCI, Carlo. *Storia della letteratura italiana con antologia degli scrittori e dei critici*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1975. v. 2 (Dal cinquecento al settecento). p. 651-667.

JESUALDO. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1985.

JOLLES, André. O conto. In: _____. *Formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 181-204.

LAVAGETTO, Mario (Org.). *Italo Calvino - Sulla Fiaba*. Torino: Einaudi, 1988.

LUCA, Carmine De. Nota crítica. In: BASILE, Giambattista. *L'Unitá - Il Pentamerone*. Seleção e tradução de Carmine De Luca. Roma: L'Arca società editrice de l'Unità spa, 1996. p. 119-125.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *A arte do conto: Sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MALATO, Enrico. Per l'edizione critica del "Cunto de li cunti". In: PICONE, Michelangelo & MESSERLI, Alfred (Org.). *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore snc, 2002, p. 307-326.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*: São Paulo: Melhoramentos, 1973.

PICONE, Michelangelo. La cornice novellistica dal "Decamerone" al "Pentamerone". In: ____ & MESSERLI, Alfred. (Org.) *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 2004. p. 105-122

____ & MESSERLI, Alfred. (Org.) *Giovan Battista Basile e l'invenzione della fiaba*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 2004.

PROENÇA FILHO, Domicio. O Barroco. In: _____. *Estilos de época na literatura*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 166-189.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

RODRIGUES, Selma Calasans. Definições de fantástico ou... In: _____. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988. p. 50-63.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SALINARI, Carlo; RICCI, Carlo. *Storia della letteratura italiana con antologia degli scrittori e dei critici*. Roma-Bari, Editori Laterza, 1975. v. 2 (Dal cinquecento al settecento).

SARAIVA, Anónio José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, s/d.

SCHNAIDERMAN, Boris. Prefácio à edição brasileira. In: PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006. p. IX-XXI

SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TOLKIEN, J.R.R. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Moysés Baumstein São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969. (Debates, 14).

VICINELLI, Augusto. *Maestri e poeti della letteratura italiana*. Verona: Edizioni Scolastiche Mondadori, 1957. v. 1.

VOLOBUEF, Karin. Um estudo do conto de fadas. *Revista de Letras*, Araraquara, v. 34, p. 99-114, 1993.

WARNER, Marina. *Da fêra à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. Tradução de Thelma Mé dici Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Páginas *on-line*

I Parchi Letterari “Lo Cunto de li Cunti”- www.geocities.com/ala_ad_din/antfiabeantiche.html - consulta em 13/06/05 às 20:56h.

Letteratura Italiana - <http://www.letteraturaitaliana.org/giovanniboccaccio.html> - consulta em 08/05/07 às 10:06h.

La lingua napoletana - <http://home.nikocity.de/contrasto/napolet.htm> - consulta em 01/03/07 às 21:00h.

Lingua Napoletana - http://it.wikipedia.org/wiki/Lingua_napoletana - consulta em 15/03/07 às 17:27h.

L'Italia Spagnola 1523-1600 - www.l'italia%spagnola%201523-%201600.htm - consulta em 28/03/07 às 01:50h.

Lo cunto de li cunti - www.locuntodelicunti.it/pg2.htm - *consulta em* 29/03/07 às 17:35h.

MATTEO, Galli. Giovanni Boccaccio -

<http://web.tiscalinet.it/appuntiericerche/Lett.Italiana/GiovanniBoccaccio.htm> - consulta em 08/05/07 às 10:09h.

Movimento Culturale Napolitano - www.xoomer.alice.it/momovim/LaStoria/Pilot.htm - consulta em 14/03/07 às 14:13h.

Dicionários consultados

AVOLIO, Jelssa Ciardi & FAURY, Mára Lucia. *Michaelis Dicionário Escolar: francês/português - português/francês*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

DIACO, Mimma & KRAFT, Laura. *A arte de conjugar verbos italianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PALAZZI, Fernando. *Novíssimo Dizionario della Lingua Italiana Ceschina*. Milano: Casa Editrice Ceschina, 1948.

POLITO, André Guilherme. *Michaelis Pequeno Dicionário: italiano/português - português/italiano*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

ROUSSEAU, Pascale. *A arte de conjugar verbos franceses*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

avrà dato fuoco alle stropicce dei campi dell'aria, verrà a farvi riverenza ».

Ma, venuta la mattina, il gatto si ripresentò al re: « Signor mio, il signor Gagliuso si manda a scusare se non viene, perché questa notte certi suoi camerieri lo hanno derubato e sono fuggiti, lasciandolo senza nemmeno una camicia ». Il re, udito ciò, fece prendere subito dalla sua guardaroba vestiti e biancheria, e li mandò a Gagliuso, che, due ore dopo, venne al palazzo, guidato dal gatto.

Il re gli fece mille complimenti, volle che gli sedesse accanto, e gli diè un banchetto magnifico. Ma, mentre si mangiava, Gagliuso di tanto in tanto si voltava al gatto, dicendogli: « Mio mio, ti siano raccomandati quei miei quattro stracci, che non vadano alla malora! ». E il gatto rispondeva: « Sta' zitto, tora, non parlave di questo perzenterie! ». E, volendo il re sapere se gli bisognava qualche cosa, il gatto rispondeva per lui che gli era venuta voglia di un piccolo limoncello; e il re mandò subito al giardiniere a prenderne un cestino. Gagliuso, dopo un po', tornò alla stessa musica dei panni e cenel suoi; e il gatto tornò a dire che tirasse la bocca, e il re domandò di nuovo quel che gli occorreva; e il gatto, pronto con un'altra scusa, per rimediare alla viltà di Gagliuso. Alla fine, dopo che si fu mangiato e discorso per un pezzo di questo e di quello, Gagliuso si accommiatò.

Il gatto, rimasto solo col re, si fece a descrivere il valore, l'ingegno, il giudizio e, soprattutto, la gran ricchezza che Gagliuso si trovava di possedere nelle carriere di Roma e di Lombardia, e per la quale meritava d'imparentarsi con un re di corona. Il re domandò a quanto potesse ascendere quella ricchezza; e il gatto rispose che non era possibile fare

il conto dei mobili, degli stabili e delle suppellettili di questo ricco, che non aveva lui stesso quel che possedeva; e che, se il re voleva informarsene, mandasse con lui gente sua fuori del regno, che gli avrebbe fatto conoscere per prova che non c'era ricchezza al mondo pari a quella.

Il re comandò ad alcune persone sue fide, che avessero preso minuta informazione del fatto, le quali andarono sulle orme del gatto. E questo, col pretesto di far loro trovare rinfresco per la strada di posta in posta, come fu uscito dai confini del regno, correva innanzi, e, quant'è greggi di pecore, mandre di buoi, razze di cavalli incontrava, diceva ai pastori e guardiani: « Ohi, state all'erta, chè una banda di briganti vogliono mettere a sacco quanto si trova in questa campagna; ma, se volete salvarvi dalla loro furia e che vi sia portato rispetto, dite che è roba del signor Gagliuso, e non vi sarà toccato un pelo ». Il simile diceva per le muserie per le quali passava; cosicchè, dovunque le persone del re arrivavano, trovavano una zampogna accortata e si sentivano dire che tutte le cose, che vedevano, erano del signor Gagliuso. E, stanchi di più domandare e di udire la medesima risposta, se ne tornarono al re, riportandogli marì e monti della ricchezza sterminata del signor Gagliuso.

A questa relazione, il re promise una buona mancia al gatto se trattava il matrimonio della sua figliuola col signor Gagliuso. E il gatto, fatta la spola di qua e di là, all'ultimo concluse il parentado. Venne Gagliuso, il re gli consegnò la figliuola e una grossa dote; e, dopo un mese intero di festeggiamenti, quegli affari che voleva condurre le sparse alle terre sue, e, accompagnato dal re sino ai confini, partì per la Lombardia, dove, per consiglio del gatto, comprò territori e terre, e divenne barone.

quale risposta potesse dare a domanda così impertinente e fuor di proposito; ma, in ultimo, scaricando la soma della pazienza, disse: « Se voi perdetete il senno, io non voglio perdere la vergogna: mi meraviglio di voi che vi fate scappare dalla bocca proposte di coteste sorte, che, se sono dette per cella, sono asinurite, se sul serio, puzzano di caprone; e mi duole che, se voi avete una lingua per dire di queste brutte cose, io abbia orecchie per udirle. Io, moglie a voi? Dove avete il cervello? ⁽¹⁾. Da quando in qua si fanno di coteste caprate ⁽²⁾, di coteste *elle pòdrò*, di coteste mischianze? E dove stiamo? Al loto? ⁽³⁾. Vi sono sorella o cacio cotto con olio? ⁽⁴⁾. Mettete la testa a segno, per la vita vostra, e non vi fate più scivolare dalla bocca parole come queste; se no, farò cose da non credere, e, se voi non mi onorerete come sorella, io non vi tratterò da quello che mi siete! ». Ciò detto, corse in furia a chiudersi in una camera, punnellandola di dentro, e non vide la faccia del fratello per più di un mese, lasciando lo sciagurato re, che era andato con una fredda da maglio a sanare le polte ⁽⁵⁾, scornato come un fanciullo che ha rotto l'orcuto, e confuso come una cuoca alla quale il gatto ha portato via il tocco di carne.

A capo di quei tanti giorni, Penia fu citata di nuovo dal re alla gabella delle sue sifrenate voglie; ed essa volle appre-

(1) Testo: « chi fatto a tense? che nena fase? »; luogo inintelligibile, e forse corrotto.

(2) « Capriata », miscuglio di vino bianco e vino nero: cfr. lo spagnolo « calabazada ».

(3) V. sopra, I, 60, n. 1.

(4) Testo: « o caso caroto »; sostituendolo (come, in altri testi, si trova compiuta la frase) « con olio », ossia in guisa ripugnante al cacio. Vasi dire: come se non fossimo in alcun modo parenti.

(5) Trattato dal gioco del pallone.

rare esultante di che cosa il fratello si fosse incapricciato nella persona sua, e, uscita dalla camera, andò a trovare. « Fratello mio, — gli disse — io mi sono vista e mirata allo specchio, e non trovo in questo mio volto cosa che possa essere meritevole dell'amor vostro; ché, in verità, non sono un boccone così goloso da far commettere pazzie alla gente ». Il re le rispose: « Penia mia, tu sei tutta bella e compiuta dal capo ai piedi; ma la mano è quella che sopr'ogni cosa mi rapisce: la mano, forchettone che dalla pignatta di questo petto tira fuori le interiora; la mano, uncino che dal pozzo di questa vita porta ad la secchia dell'anima; la mano, morza che stringe questo spirito, mentre Amore ti lavora di lima. O mano, o bella mano, che sei mestolo che ministra dolchezza, tenaglia che strappa le voglie, paletta che aggiunge carbone per far bollire il mio cuore! ».

E più voleva dire, quando Penia rispose: « Sta bene: v'ho inteso. Aspettate un po', non vi movete di qui, ché or ora torno ». E, rientrata nella sua camera, fece chiamare un suo schiavo mezzo insensato, gli consegnò un coltellaccio con un graziolo di patacche e gli disse: « All'io, tagliare mani mie, volere fare bella secreta e diventare più bianca ». Lo schiavo, credendo di farlo servizio, con due colpi glielo tronchò netto; e Penia, lantele mettere in un bucio di sanza, le inviò, coperte di un tovaglitajo di seta, al fratello, con l'imbarciata che si godesse quello che più gli piaceva con buona salute e figli maschi.

Il re, vedendosi giocare questo tiro, moschè in tanta collera che divenne furante, e ordinò di far subito una cassa tutta impieciata, dentro la quale cacciò la sorella e la gettò in mare. Dopo qualche giorno, la cassa, spinta dalle onde, diffe in una spiaggia; e qui alcuni mutinali, che tiravano la rete,

manata di tornesisti per campare la vita, levarono dalla cassa reale un tesoro, dalla città una lanterna splendente, dal marito due puntelli delle sue speranze.

La povera Penta, vedendosi dare lo sfratto, quantunque non fosse né femmina disonestà, né parente di bandito, né studente fastidioso⁽¹⁾, si prese in braccio il suo cestrucolo, che innaffiava di latte e di lacrime, e s'avviò verso Lagotorbido. Era di quel luogo signore un mago, che, ammirando questa bella storpia che storpjava i cuori, costei che faceva più guerra col suoi moncherini che Belarso con le cento mani, volle sentire tutt'intera la storia delle sventure che aveva sofferte da quando il frastello, per essergli negato il pasto della carne, volle farla pasto ai pesci, fino a quel giorno che aveva messo piede nel suo regno.

Il mago, all'amaro racconto, versò lacrime senza fine, e la compassione, che gli entrava pel pertugi delle orecchie, vaporava in sospiri per lo spiraglio della bocca. Alla fine, la confortò con buone parole: « Su' di buona voglia, figlia mia, che, per infacchiata che sia la casa di un'anima, si può reggere tuttavia, se la puntella la speranza. Perciò, non lasciare smarrire l'animo; ché il Cielo tira talvolta le disgrazie umane all'estremo della ruina per fare più mirabile l'opera sua. Non dubitare, dunque, perché tu hai trovato in me mamma e padre, e lo t'asinerò col mio sangue stesso ».

La povera Penta lo ringraziò: « Non importa — gli disse — che il Cielo piova disgrazie e grandini ruine, ora che sono sotto la tettoia della grazia vostra, di voi che potete e valete:

(1) Tra categorie di persona, che si soleva allora più di frequente rinviare dai luoghi dove abitavano o scacciare dal Regno. V. sopra per gli studenti, I, 136, n. 1.

e già questa vostra bella faccia m'incanta ». E così, dopo mille parole di cortesia da una parte e di ringraziamento dall'altra, il mago le assegnò un ricco appartamento nel palazzo suo e la fece governare come una figlia. E, la mattina dopo, ordinò di pubblicare un bando: che alla persona che fosse venuta alla sua corte a raccontare la più grande delle disgrazie, avrebbe dato una corona e uno scettro d'oro: due belle cose, che valevano più d'un regno.

Correndo questo grido per tutta l'Europa, vennero al paese del mago più gente che non siano i broccoli, per guadagnarsi la ricchezza promessa. E chi raccontava c'era aveva servito in corte tutta la vita, e, dopo avervi perduto il ranno e il sapone, la gioventù e la salute, era stato pagato con un cascocavallo. Chi diceva che gli era stata fatta un'ingiustizia da un superiore e non gli era concesso di bagnarsene, tanto che gli bisognava inghiottire la pillola e non evacuare la collera. Uno si lamentava di aver posto tutte le sue sostanze in una nave, e che un po' di vento contrario gli aveva tolto il costo e il crudo. Un altro si doleva di avere speso tutti gli anni suoi a esercitare la penna, senza cavarne mai l'utile di una sola penna; e, soprattutto, si disperava che le fatiche della penna sua avevano avuto così poca ventura, laddove le materie del calamaio⁽¹⁾ erano tanto fortunate al mondo.

In questo mezzo, il re di Terraverde tornò nel regno e, trovata a casa quella dolce bevanda che non s'aspettava, proruppe in atti da leone scatenato, o avrebbe fatto scolare tutti i consiglieri, se essi non gli avessero senz'altro posto sott'occhi la lettera che avevano ricevuta da lui. Ma, quando la vide, e conobbe la falsa mano di scrittura, chiamò a sé il corriere

(1) Cloé, il corneo: v. I, 46, n. 3.

e gli ordinò di raccontare tutto quanto gli era occorso nel viaggio. Così, a poco a poco, venne a penetrare che la moglie di Mastello gli aveva macchinato la rovina; onde, armata subito una galea, andò di persona a quella spiaggia. Lvi ritrovata la femmina, con bel modo le cavò di corpo tutto l'intrigo; e, avendo inteso che causa del fatto era stata la gelosia, volle che essa diventasse di cera e, incerata e spalmata di sugo, la fece mettere sopra una grande cascata di legna secche, alla quale fu dato fuoco.

Poiché ebbe ussinito alla fiammata, e veduto che il fuoco, vibrando una lingua rossa rossa, s'era divorata la trista femmina, fece vela; e, in alto mare, incontrò una nave, che portava il re di Pietrasecca. Dopo molte cerimonie scambievoli, questi disse all'altro che navigava verso Lagotobido a causa del bando pubblicato dal signore di quel luogo, per tentare la sorte sua, come colui che non cedeva per mala fortuna al più dolente uomo del mondo.

«Se è per questo — disse il re di Terraverde, — lo ti salto di sopra a piedi giunti, e posso dare quindici e fallo o al più sventurato che sia al mondo; e, dove gli altri misurano i dolori a lucerne⁽¹⁾, io li posso misurare a tomoli. Perciò voglio venire con te, e facciamola tra noi da galantuomini, e chi di noi vince, spartirà da buon compagno esattamente la vincita». «Siamo intesi», disse il re di Pietrasecca; e si dettero reciprocamente la fede.

Andarono così di conserva a Lagotobido, dove, approdati, si presentarono al mago, che il onorò di grandi acco-

(1) Termali di giuseu: v. sopra, I, 162, n. 1.

(2) «A lacernella»: sembra che fosse una piccolissima misura di capacità o una misura per designata.

gifenze, quali si convenivano a teste coronate, e si fece sedere sotto il baldacchino, salutando mille volte benvenuti. E, poiché ebbe tutto che si presentavano alla prova degli uomini avventurati, volle conoscere quale peso di dolore li rendesse soggetti agli scirocchi del sospiri.

Il re di Pietrasecca cominciò allora a narrare l'amore che aveva posto al sangue suo, l'atto da donna onorata che fece sua sorella, il fiero cuore che egli mostrò col chiuderla in una cassa impacciata e gettarla a mare; per le quali cose, da una parte, lo trafiggeva in coscienza del proprio errore, e dall'altra, lo pungeva l'affanno della sorella perduta; di qua, lo tormentava la vergogna, di là il danno; di guisa che tutti i dolori delle più angosciate anime dell'inferno, posti a un lumbico, non agguaglierebbero una quintessenza di affanni come quelli che provava il cuor suo.

Finito ch'ebbe questo re di parlare, incominciò l'altro: «Oimè, che le doglie tue sono chimbellate in zuccherate, frangellichi e straffolì⁽¹⁾ a paragone del dolore che lo sento, perché quella Penta dalle mani mozze, che trovai nella cassa come torcia di cera di Venezia⁽²⁾ per fare le mie esequie, lo la presi per moglie, ed essa mi partorì un bel bambino, e, per malignità di una brutta arpia, poco è mancato che non fossero l'una e l'altro anzi dal fuoco. Nondimeno, oh chiedo del mio cuore! oh dolore per cui non mi posso dar pace! li hanno scacciati

(1) Dei «frangellichi» si è detto, I, 131, n. 5. «Straffolà», dolcissime napoletane, pasta di fior di farina con uova, fri è in piccoli pezzi rotondeggianti e condita con miele e confetti: di cui si parla nel Natale.

(2) Il Gazzoni (*Piazza universale*, p. 509), dopo aver discusso del vario modo di cober la cera, soggiunge: «et da una procedono quelle bolle candide e torci (sic) che si comprano in Venedia, l'una delle quali tramar doveva il Cantelico, etc.».

tutti e due, mandandoli fuori del mio stato; di lui che, vedendomi alleggerito di ogni piacere, non so come, sotto la sommità di tante pene, non caschi prostrato a terra l'ainfo della mia vita!».

Udito il mago l'altro re, conobbe al futo che l'uno era il fratello e l'altro il marito di Penta; e, fatto chiamare Nurfello, il fanciullo, gli disse: «Va', e bacia i piedi a tata, a signore tuo»; e il fanciullo obbedì al mago, il padre, vedendo la buona grazia di quel marmocchietto, gli gettò una bella catena d'oro al collo. Dopo di che, il mago tornò a parlare: «Bacia la mano allo zio, bel ragazzo mio»; e quel bel pacioncello fece subito l'ubbidienza; e l'altro re, ammirando la vivacità di quella fanciotta, gli diè un bel gioiello, e domandò al mago se gli era figlio, e quegli rispose che ne domandasse la madre.

Penta, che, nascosta dietro una portiera, aveva ascoltato tutto questo negozio, venne fuori; e, come cagnolina sperduta che, ritrovando dopo tanti giorni il padrone, lo lecca, scodinzola, e fa mille segni di allegria, essa, ora correndo al fratello ora al marito, ora tirata dall'affetto dell'uno, ora dalla carne dell'altro, abbracciava ora questo ora quello, con tanto giubilo che non si potrebbe immaginare. Fa' conto che eseguivano un concerto a tre di parole amozzicate e di sospiri interrotti.

Fatta pausa a questa musica, si ritornò a curazzare il fanciullo, e ora il padre e ora lo zio a vicenda lo stringevano e lo baciavano, e se ne andavano in brodo di giuggiole. E, dopo che da questa parte e da quella fu fatto e fu detto, il mago concluse con queste parole:

«Sa il Cielo quanto esulta il mio cuore a vedere consolarsi la signora Penta, la quale per le sue belle qualità merita di essere tenuta in palma di mano e per la quale ho cer-

cato, così tanta industria di condurre a questo regno il marito e il fratello, per darmi all'uno e all'altro scialavo incatenato». Ma, poiché l'uomo si lega con la parola e il suo con la corsa, e la promessa di un uomo dabbene è contratta, giudicando che il re di Terraverde abbia sofferto dolore da morire, gli voglio mantenere la parola e dargli non solo la corona e lo scettro promessi col bando, ma altresì il regno. Io non ho né figli né fratelli di famiglia; e perciò, con buona grazia vostro, voglio per miei figli adottivi questa bella coppia di marito e moglie, che mi sarà cara quanto le pupille degli occhi. E perchè non ci sia più altro da desiderare alla felicità di tutti, Penta si metta i moncherini sotto il rembinde, ché ne trarrà fuori le mani, più belle che non siano prima».

Penta così fece, e la cosa riuscì appuntino come il mago aveva detto. E di ciò la gioia fu grandissima; e ne giugolarono tutti, e particolarmente il marito, che stimò più assai questa bella fortuna che il nuovo regno donatogli dal mago. Dopo aver trascorso alcuni giorni in magnifiche feste, il re di Piترasacca se ne tornò al regno suo, e il re di Terraverde, mandato il cognato al suo minor fratello perchè da sua parte lo incaricasse della cura dello stato, rimase col mago, sconsigliando a canne di diletto le dita di travaglio che aveva sofferte, e rendendo testimonio al mondo che:

non può il dolce aver caro
chi provato non ha, prima, l'amaro.

(1) Per questa profezia di verità, che si trova allora nella conversione e nella lettera, v. I, 243, n. 1.

loro apprendere le arti che ora sanno; altrimenti, sarebbero tanti cestoni, laddove passano ora frutti così belli!».

Il re, udita l'una parte e l'altra, masticate e ruminata le ragioni di questo e di quello, e visto e considerato quel che andava giusto, sentenzia che Cianna fosse data a Pacione, come origine prima della salvezza della figliuola.

E così disse e così fu fatto, e, avuti i figli un mucchio di torresi che li mettesero a guadagno, il padre, per la grande gioia, ridiventò come giovinetto di quindici anni, e gli si adattò a pelo il proverbio, che

tra i due litiganti il terzo gode.

TRATTENIMENTO OTTAVO

NINNILLO E NENNELLA

Tannuccio ha due figli dalla prima moglie i quali, essendosi esso riamogliato, sono edifiati dalla matrigna, ed è costretto a lasciarli in un bosco. Sperduti e separati l'uno dall'altro, Ninnillo diventa caro cortigiano di un principe; e Nennella, naufragando, è ingolata da un pesce fatato; ma, getata poi sopra uno scoglio e riconosciuta dal fratello, è dal principe riccamente maritata.

Fermata la carriera Ciulla, si accinse a correre il palio Paola, e, dopo avere spurgato la voce con un bel raschio e pulitosi il naso con un moccichino nuovo di lino, così diè principio (1):

Misero quell'uomo che, avendo figli, spera di dar loro governo col regalarli di una matrigna; perchè questa porta in casa la mucchina delle rovine loro, non essendosi mai avuta matrigna che mirasse di buon occhio la razza d'altri; e se pure se n'è trovata qualcuna per disgrazia, si può mettere lo stacco nel buco e dire che sia stata corvo bianco. Io, fra tante che avete udito mentovare, vi parlerò d'una, che si può mettere

(1) Questo periodo è un accennino dei posteriori editori, perchè l'ediz. originale cade qui in una delle volte sviate, e anzi in una triplice svista, leggendo: « Fermata la carriera Paola, se mise appunto de cortigiano suo palio Carmosina, dopo ch'uppe bandato assale lo cunio dell'altra, ch'aveva dopinto così a jo naturale lo ludicio de Sapia, così disse ».

nel catalogo delle matrigne senza coscienza; e voi la stimerete degna della pena, che si comprò a danari costanti.

C'era una volta un padre chiamato Iannuccio, che aveva due figli, Ninillo e Nennella, ai quali voleva bene quanto alle sue pupille. Ma, avendo la morte con la lima sorda spezzato le inferriate del carcere dell'anima della moglie, egli si prese una brutta strega, che era un pescicane maledetto⁽¹⁾; la quale, tosto che ebbe messo piede nella casa del marito, cominciò ad essere cavallo di una stalla⁽²⁾ e a dire: « Sono venuta, dunque, a spiodocchiarle i figli di un'altra! Questo mi mancava che mi prendessi tale impiccio e mi vedessi attorno due rompimenti di stinchi! Oh, che mi fossi rotto l'osso del collo prima di venire a quest'inferno per mangiar male e dormir peggio col fastidio di queste zecche!⁽³⁾ Non è vita da soffrire! Sono venuta per moglie e non per serva. Bisogna che prenda il mio partito e trovi recapito a queste pittime, o trovi recapito per me stessa. È meglio arrossire una volta che impallidire cento volte. Ora c'imparelliamo per sempre! Sono risoluta o di vederne il costrutto o di rompere in tutto e per tutto ».

Il povero marito, che aveva posto un po' d'affetto a questa femmina, le disse: « Senza collera, moglie mia, che lo zucchero costa caro! Domattina, prima che camì il gallo, ti leverò questo fastidio dattorno, per tenerti contenta ».

Così la mattina dopo, innanzi che l'Alba spandesse la coperta di Spagna rossa per scuotere le pulci alla finestra d'oriente, esso, preso per mano i due figli, infilzato al braccio un buon

(1) Testò: « na canesca mardetta ».

(2) Fosse: che vuole stare solo alla stalla.

(3) Testò: « craccà ».

paùere di cose da mangiare, li condusse in un bosco, dove un esercito di pioppi e di faggi stringevano d'assedio le Ombre. Cola giunto, Iannuccio disse: « Bambini miei, statevene qui; mangiate e bevete allegramente e, se qualcosa vi mancherà, vedete questa striscia di cenere che vado seminando? Questa sarà il filo che, cavandovi dal labirinto, vi porterà passo passo a casa vostra ». E, dato un bacio all'una e all'altro, se ne tornò piangendo a casa.

Ma nell'ora in cui tutti gli animali, citati dagli sbirri della Notte, pagano alla natura il censo del necessario riposo, i due fanciulli, per la paura di stare in quel luogo deserto, dove le acque di un fiume, percotendo, per castigarle, le pietre impertinenti, avrebbero fatto sbigottire un Rodomonte, s'avviarono pian piano per quella strada di cenere, ed era già mezzanotte quando adagino adagino giunsero a casa.

Al vederli, Pascoza, la matrigna, fece cose non da femmina ma da furia infernale, levando le strida al cielo, battendo mani e piedi, sbuffando come cavallo che s'è adombrato, dicendo: « Che bella cosa è questa? Donde sono rispuntati questi noccioli fastidiosi? È possibile che non ci sia armento vivo che valga a scrostarsi da questa casa? È possibile che tu me il voglia tenere dattorno proprio per rovello al mio cuore? Va', levameli sul momento dagli occhi, ché non voglio aspettare musica di galli e lamenti di galline. Se no, ti puoi stuzzicare i denti ch'io dorma mai più con te; e domattina me la filo a casa dei parenti miei; ché tu non mi meriti! Non ti ho portato in casa tanti bei mobili per vederli scacazzati dal puzzo dei dereiani altrui; né ti ho dato così buona dote per vedermi schiava di figli, che non sono miei ».

Lo sventurato Iannuccio, che vide la barca male avviata e la cosa andar troppo nel caldo, si prese sull'istante i bam-

hini, e, tornato nel bosco, e, dato loro un altro panierino di coseite da mangiare, disse: « Voi vedete, figli miei, quanto vi ha in uggia quella cagna di mia moglie, venuta alla casa mia per la rovina vostra e per chiudo di questo cuore. Perciò restatevene in questo bosco, dove gli alberi, più pietosi di lei, vi faranno tetto contro il sole; dove il fiume, più cristievole, vi darà da bere senza veleno; e la terra, più cortese, vi offrirà saconi d'erba senza pericoli. E, quando vi mancherà da mangiare, vedete la viazza di crusca che io vi fo, diritta diritta, e voi potrete venire a domandare soccorso ». Così detto, e toglier animo ai poveri piccini.

Quando ebbero consumato il contenuto del panierino, i due bambini vollero tornare a casa; ma un asino, figlio della mia ventura, s'era leccata la crusca sparsa per terra, ed essi sbagliarono strada, tanto che andarono per un paio di giorni errando per entro il bosco, pascentosi di ghiande e castagne che raccattavano da terra. Ma, poiché il Cielo stendé sempre la sua mano sugli innocenti, capitò a caccia, in quel bosco, un principe; e Ninnillo, assistendo l'abbaiar del cani, ebbe tanta paura che si gettò nel cavo di un albero, e Nennella prese tale fuga che si trovò a una marina. Qui erano sbarcati certi corsari per far legna, e il capo loro se la portò a casa, dove la moglie, alla quale era resté morta una figlia, la tenne in luogo di questa.

Ninnillo intanto, rannicchiato in quella cortecchia d'albero, fu attoniato dai cani, che facevano abbaiate da stordire; sicché il principe volle vedere che cosa fosse, e, trovato quel bel bambino, che non seppe dire come si chiamavano il padre e la madre tanto era piccolo, lo aggristò sul cavallo di un cacciatore e lo portò con sé. E con grande cura fece alle-

varlo nel suo palazzo e insegnargli le virtù, e, tra le altre, l'arte dello scalco, che non passarono tre o quattro anni, ed egli vi divenne così bravo, che spartiva a capello.

In questo tempo, escendosi scoperto che il corsaro, presso cui si trovava Nennella, era ladrone di mare, vollero metterlo in prigione; ma esso, che aveva amici gli scrivani⁽¹⁾ e li teneva a stipendio, se la svignò con tutti i suoi. E forse fu giustizia del Cielo che, avendo egli commesso i suoi imbrogli sul mare, sul mare ne pagasse la pena; sicché, imbarcatosi sopra una barca sottile⁽²⁾, nel mezzo del mare gli venne tale raffica di vento e furia di onde che il legnetto si capovolse e tutti affogarono. Solo Nennella, che non aveva, come la moglie e i figli del corsaro, colpa in quei laticroci, scampò dal pericolo; e, nel momento che gli altri cadevano nell'acqua, si trovò presso la barca un pesce fatato, il quale, aprendo un abisso di gola, se la inghiottì.

E, quando la giovinetta credette di aver terminato i giorni suoi, proprio allora ammirò cose da trascolare nel ventre di quel pesce. C'erano colà campagne bellissime, giardini magnifici, e una casa da signore con tutti gli agi, dove Nennella fu trattata da principessa.

Ora accadde che quel pesce la portasse di peso a uno scoglio, dove, essendo la maggiore età dell'estate e la più ardente fornace, il principe era venuto a prendere il fresco. E, mentre si preparava un gran banchetto, Ninnillo s'era posto a un verone del palazzo, che sorgeva su quello scoglio, ad affilare certi coltelli, assai diletlandosi dall'ufficio suo per farsi onore.

(1) Del tribunale.

(2) Testò: « fatole », che è di certo errore di stampa.

Nennella lo vide e lo conobbe dal fondo delle fauci aperte del pesce, e subito mosse una voce di lamento:

Fratello, mio fratello!
Affiliato è già il costello,
già la mensa è preparata,
e gran gioia a tutti è data:
solo a me la vita incresco,
— senza te, qui in gola al pesce!

Sulle prime, Ninnillo non fece attenzione a queste parole; ma il principe, che stava a un altro balcone, vide il pesce e udì un'altra volta le stesse parole, e fu preso da meraviglia. Invio, dunque, una mano di servitori per vedere se in qualche modo potessero gabbare il pesce e tirarlo a terra; ma poiché, intanto, sempre si udiva replicare quel « Fratello, mio fratello! », domandò uno per uno a tutte le genti se qualcuno avesse perduto la sorella. Rispose Ninnillo, che in quel momento si andava ricordando della cosa come in sogno: che, quando si trovava nel bosco, aveva con sé una sorella, della quale non aveva saputo più nulla.

Il principe gli disse di accostarsi al pesce e vedere che cosa fosse, perché tale ventura, forse, toccava a lui. E, al suo appressarsi, il pesce posò la testa sullo scoglio, e, spalancando sei canne di fauci, lasciò uscire Nennella, che parve appunto lo spettacolo di un internizzo, nel quale una Ninfa, per incanto di un mago, esce da un animale.

Al principe, che la interrogava, Nennella accennò qualche parte dei travagli suoi e dell'odio della matrigna; ma né essa né il fratello sapevano ricordarsi il nome del padre né il luogo dov'era la loro casa. Onde fu gettato un bando che chi avesse perduto in un bosco due figli, Ninnillo e Nennella, andasse al palazzo reale e ne avrebbe avuta buona nuova.

Iannuccio, che stava sempre triste e sconcolato, perché credeva che i figli fossero stati divorati dai lupi, corse giubilando al principe a dirgli che esso proprio aveva smarrito i fanciulli. E, avendo raccontato la storia di come fosse stato sforzato a portarli nel bosco, il principe gli somministrò una grande internerata, chiamandolo sciocco come bestione, che s'era fatto mettere i piedi sul collo da una femmina, riducendosi a mandare all'avventura due gioielli, com'erano i suoi figli. Ma, dopo che gli ebbe rotto il capo con queste parole, vi mise l'empiastrò della consolazione, mostrandogli i figli che egli non si saziò di abbracciare e l-cicare per più di mezz'ora; e il principe, fattogli levare di dosso il rozzo gabbano, lo fece rivestire da gentiluomo. Chiamò poi la moglie di Iannuccio e le additò quelle due foglie d'oro, domandandole: « Che cosa meriterebbe chi loro facesse male e li mettesse a rischio di morte? ». Colei rispose: « Per me, lo metterei chiuso in una botte e lo rotolerei dall'alto di una montagna ». « Ecco che hai quello che chiedi: la capra ha rivolto le corna contro se stessa. Orsì, poiché tu hai scritto la sentenza, e tu la paga; tu che hai portato tant'odio a cotesti belli tuoi figliastri ». E diè ordine che si eseguisse la sentenza ch'essa medesima aveva pronunziata.

Nel tempo stesso trovò un ricco gentiluomo suo vassallo, e lo diè per sposo a Nennella, e la figlia di un altro signore parì a questo, e la diè per moglie al fratello; e all'uno e all'altra entrate bastevoli per vivere essi e il padre, senz'aver bisogno di alcuno al mondo. La matrigna, intanto, lasciata da una botte, sfasciò la propria vita, gridando sempre pel buco finché le restò fiato:

Tarda il castigo, ma non ti fidare!
Viene una volta e tutte fa pagare!